

A SUSTENTAÇÃO DO ARTESANATO ATRAVÉS DO APOIO GOVERNAMENTAL E COMUNITÁRIO: IMPLICAÇÕES PARA O TURISMO ARTESANAL*

Ajay Kumar Koli* & Babu George**

Resumo: O setor de artesanato atrai milhões de turistas internacionais para a Índia. O setor de artesanato, juntamente com a agricultura, é central para o desenvolvimento rural da Índia. É um dos maiores contribuintes para a economia informal do país. Além do consumo doméstico, o artesanato é também um importante produto turístico. Este manuscrito posiciona o atual momento do setor artesanal em seu contexto histórico, observa os desafios persistentes e desdobráveis para o setor e propõe estratégias sustentáveis de revitalização. Ao longo da história, a Índia viu diferentes tipos de sistemas governamentais e mudanças nos costumes sociais; o artesanato continuou sendo uma importante área de atenção e sobreviveu até mesmo àquelas mudanças perturbadoras que aconteceram ocasionalmente na consciência da moda da sociedade. Ao interligar economia, sociedade, turismo e cultura, neste artigo os autores também tentam transformar a narrativa sobre o artesanato como algo que dá sentido e propósito à própria idéia da Índia. Também torna o artesanato um produto turístico muito único, oferecendo uma vantagem competitiva distinta para a nação.

Palavras-chave: Artesanato; História; Desenvolvimento econômico; Emprego; Sustentabilidade; Turismo, Índia.

SUSTAINING HANDICRAFTS THROUGH GOVERNMENTAL AND COMMUNITY SUPPORT: IMPLICATIONS FOR HANDICRAFTS TOURISM**SOSTENIMIENTO DE LA ARTESANÍA MEDIANTE EL APOYO GUBERNAMENTAL Y COMUNITARIO: IMPLICACIONES PARA EL TURISMO ARTESANAL**

Abstract: Handicrafts sector attracts millions of international tourists to India. The crafts sector, along with agriculture, is central to India's rural development. It is one of the largest contributors to the country's informal economy. In addition to domestic consumption, crafts are also a major tourism product. This manuscript positions the current tryst of the craft sector in its historic context, observes lingering and unfolding challenges for the sector and proposes sustainable revitalization strategies. During the course of history, India saw different kinds of governmental systems and changes in the social mores; crafts remained a significant area of attention and it survived even those disruptive changes that happened occasionally in the fashion consciousness of the society. By interlinking economy, society, tourism, and culture in this paper, the authors also attempt to transform the narrative about crafts as something that gives a sense of meaning and purpose to the very idea of India. It also makes handicrafts a very unique tourism product offering a distinct competitive advantage for the nation.

Resumen: El sector de la artesanía atrae a millones de turistas internacionales a la India. El sector de la artesanía, junto con la agricultura, es fundamental para el desarrollo rural de la India. Es uno de los mayores contribuyentes a la economía informal del país. Además del consumo interno, la artesanía es un importante producto turístico. Este manuscrito sitúa la situación actual del sector de la artesanía en su contexto histórico, examina los retos persistentes y en desarrollo para el sector y propone estrategias sostenibles para su revitalización. A lo largo de la historia, la India ha visto diferentes tipos de sistemas de gobierno y cambios en las costumbres sociales; la artesanía siguió siendo un área importante de atención y sobrevivió incluso a esos cambios perturbadores que ocurrían ocasionalmente en la conciencia de la moda de la sociedad. Al interconectar la economía, la sociedad, el turismo y la cultura en este artículo, los autores también intentan transformar la narrativa sobre la artesanía como algo que da sentido y propósito a la idea misma de la India. También hace de la artesanía un producto turístico muy singular, que ofrece una clara ventaja competitiva para la nación.

Keywords: Crafts, history, economic development, employment, sustainability, tourism, India.

Palabras clave: Artesanía; Historia; Desarrollo económico; empleo; Sostenibilidad; Turismo; India.

1 INTRODUÇÃO

O artesanato constitui um importante meio de subsistência para as comunidades rurais na Índia. O turismo baseado no artesanato deu uma camada adicional de benefício econômico para aqueles envolvidos com o comércio (Khan, 2019). Atualmente, esse tipo de turismo é um fator crítico do turismo cultural que apela para uma ampla gama de demografias turísticas. O turismo baseado no artesanato também é uma forma única para um país como a Índia mostrar que sua cultura não é apenas sobre suas tradições religiosas. Entretanto, o desenvolvimento do artesanato e sua transição como produto turístico levou centenas de anos. Foi um processo de desenvolvimento orgânico, mentorado e, às vezes, cativado pelas forças do mercado (Balaswaminathan & Levy, 2018).

Em 2015, o Governo da Índia decidiu comemorar o *Dia Nacional do Tear Manual*, em 5 de agosto, para comemorar o *Movimento Swadeshi* de 1906. Ele pretende “gerar consciência sobre a importância da indústria do tear manual como parte de nossa rica herança e cultura, promover os produtos do tear manual e levar ao aumento da renda dos tecelões, bem como aumentar sua confiança e orgulho” (Escritório de Informação à Imprensa, 2015, s/p). Ao mesmo tempo, o governo também criou um esquema de certificação “Zero Defeito, Efeito Zero” e lançou a Marca Handloom para garantir a qualidade e a sustentabilidade dos produtos indianos. É por isso que hoje várias organizações públicas e privadas anunciam o artesanato como fonte de sustento e orgulho sustentável (Fabindia, 2020; Ministério dos Têxteis, 2019; Gabinete de Informação à Imprensa, 2020).



* Texto convidado, passando ainda por avaliação revisor e avaliação da revista. Tradução e revisão técnica: Prof. Dr. Thiago Duarte Pimentel.

** Ajay Koli, PhD in Management / Univ of Hyderabad (2019), MBA in Tourism / Pondicherry Univ (2008), Bachelor in Russian Language / JNU (2006), Bachelor in Tourism / IGNOU (2006). Educator & Head, School of Information and Data Science, Nalanda Academy, Bhim Nagar, Wardha, Maharashtra - 442001, India. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2171-7479>. Email: koliyajaykumar@gmail.com

*** Babu George, PhD in Management / Goa Univ (2006), DBA in International Marketing / SMCU (2017), EdS in Higher Ed Innovation / FHSU (2019), MBA in Tourism / Pondicherry Univ (2001), BS in Electronics / Mahatma Gandhi Univ (1998). Professor & Dean, School of Business, Alcorn State University, Lorman, MS 39096, USA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2791-828X>. Email: bgeorge@alcorn.edu

O artesanato é o segundo maior setor depois da agricultura na economia indiana. A maioria dos artesãos são mulheres, pessoas das castas oprimidas e minorias religiosas (especialmente muçulmanas) que vivem em áreas rurais ligadas a mercados através de intermediários duvidosos. O número de tecelões artesanais tem sido consistentemente reduzido na Índia. O número total de tecelões artesanais de acordo com o segundo Censo Handloom, de 1995, foi 34,71 lakhs de rúpias; o terceiro Censo Handloom 2010 registrou 29,09 lakhs de rúpias (Ministério dos Têxteis, 2010) e; o último quarto Censo Handloom 2020 relatou 26,74 lakhs de rúpias (Ministério dos Têxteis, 2019)ⁱ.

Todos os quatro dados do Censo do Handloom não mostram nenhuma melhoria significativa na situação sócio-econômica dos artesãos. De acordo com o Censo Handloom 2010, em média cada trabalhador do tear de mão ganhava pelo menos 3000 rupias por mêsⁱⁱ. Segundo o Censo Handloom 2020, 67% da renda mensal dos trabalhadores do tear manual era inferior a 5000 rupias e 26% ganhava apenas 5001ⁱⁱⁱ - 10.000^{iv} rupias. (Ministério dos Têxteis, 2019). Eles continuam vivendo na pobreza abjeta (Gupta, 2011) e tiveram um "impacto esmagador" devido à desaceleração econômica da COVID-19 (Tyabji, 2020).

Segundo o Conselho de Promoção das Exportações de Artesanato [*Export Promotion Council for Handicrafts*] (2019), enfrentando todos os desafios, em 2013-14 a exportação total de artesanato foi de Rs. 19103.98 crores^v e em 2019-20 alcançou Rs. 25270.14 crores (Apesar das boas receitas em divisas, o governo indiano reduziu seu orçamento para o setor de artesanato de Rs. 621,51 crores em 2014-15 para Rs. 304,02 crore em 2020-21 (Conselho de Promoção das Exportações de Artesanato^{vi}, 2021a, 2021b). Com este declínio maciço, é importante discutir estratégias de revitalização. Como verificar a queda do número de artesãos? Como ajudar a aliviar as dificuldades dos artesãos e restaurar sua fé no artesanato "sustentável" e "orgulhoso"?

Neste contexto, foi realizada uma revisão sistemática da literatura utilizando estudos sobre a história e o artesanato indiano. Ao fazer isso, o objetivo principal é ajudar os pesquisadores, fabricantes, usuários, formuladores de políticas e vendedores de artesanato contemporâneos a compreender os significados e desenvolver interpretações sobre sustentabilidade e orgulho do artesanato. Além disso, este trabalho oferece *insights* sobre o valor do artesanato como uma base distinta de vantagem competitiva do ponto de vista do turismo.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Índia Antiga antes de 1200

Há cerca de quatro mil anos, durante a civilização do vale do Indo [*Indus Valley Civilisation*] (2500 a.C.) havia produção artesanal suficiente na Índia até mesmo para atender às necessidades dos distantes mercados sumério e mesopotâmico. No seguinte Império Mauryan (321 a.C. - 185 a.C.), os artesãos baseados nas cidades eram ricos devido à expansão da mineração, agricultura, comércio de rotas marítimas e estruturas rodoviárias. Entre os séculos XV a II a.C., os

índios começaram a tecer usando algodão, seda e linho. E no século I d.C., as "lendas" de roupas indianas coloridas chegaram aos persas e romanos (Majumdar, 2012).

Durante os séculos IV a VII, a arte e o artesanato indiano estavam em seu auge (Coomaraswamy, 1913; Digby, 2004; Sardar, 1996). Mas durante os séculos seguintes, especialmente entre os séculos VIII a XII d.C., o caos e a guerra entre os governantes indianos locais destruíram as "guildas comerciais" da Índia. Este foi também o período em que a sociedade indiana entrou no domínio do Hinduísmo Brahmânico que praticava o casteísmo sob o disfarce de *varnashramadharma* (Digby, 2004). Os tabus religiosos eram a ordem do dia. Por exemplo, os comerciantes hindus de Gujarat e do sul da Índia não foram para o comércio exterior até o século VIII d.C. porque a travessia do mar era considerada sinistra.

2.2 Índia Medieval de 1200 – 1500

O Sultanato de Delhi (1200-1500), politicamente estável, teve maior produção interna (Raychaudhuri, 2004). As ocupações, além da agricultura, foram classificadas entre mineração e artesanato. Entre o artesanato, a tecelagem têxtil foi considerada como uma das "maiores indústrias". No século XIII, na Índia, os muçulmanos trouxeram técnicas artesanais como a curvatura, a fiação de rodas e a fabricação de papel. Mas não há informações claras sobre a introdução e a modernização dos teares (*kargah*).

Essas melhorias durante o Sultanato de Delhi levaram à produção de tecidos excedentes. Conforme as castas, pelo menos nove variedades de tecidos foram tecidas (Habib, 2004). Vários locais indianos eram famosos pelo artesanato, como Gujarat para a tecelagem de algodão e seda e Kashmira para sua indústria de xales. Na fábrica de *Muhammad Tughluq*, cerca de quatro mil trabalhadores de seda teceram túnicas para as classes ricas. E sob *Firuz Tughluq*, em uma única estação, houve uma produção de 6.000.000 Tanka de tecido e 2.000.000 Tankas de tapetes (Tanka era uma moeda de prata usada na Índia muçulmana). Devido a este consumo luxuoso, a tenda de Aurangzeb era sinônimo de "palácio móvel" (Sardar, 1996, p. 311).

2.3 Mughal Índia de 1500-1800

Durante os séculos XVI e XVII na Índia, como em outras partes do mundo, a classe dominante era rica e os "camponeses, artesãos e empregados domésticos" eram pobres (Chandra, 2004). No século XVII surgiram alguns processos têxteis específicos como branqueamento, tingimento, estampagem e pintura de tecidos e bobinas de seda para satisfazer a demanda dos "ricos" Mongóis (Raychaudhuri, 2004, p. 278). Produtos como "utensílios domésticos, móveis, artigos de couro, tecidos sob medida, material de escrita, jóias, perfumes, arreios e selaria" foram criados por "artesãos independentes" de locais remotos como Kashmir, Gujarat, Lahore, Multan e Patna. A competição pelo consumo entre nobres e comerciantes criou uma espécie de "mercado nacional" para roupas. A maioria dos artesãos era pobre apesar da enorme demanda por tecidos e outros artigos de luxo. A única exceção eram

os mestres artesãos da cidade e os tecelões do sul da Índia do século XVIII (Parthasarathi, 2001).

Na Índia, as pessoas estavam ligadas a ocupações determinadas pela casta enquanto a economia europeia estava revolucionando com os novos sistemas industriais e empregos. Mas isso não significa que a economia indiana estivesse estagnada. Por exemplo, havia cerca de cento e cinquenta tipos de qualidades de tecido disponíveis conforme o gosto dos governantes das castas superiores.

A casta desempenhou um papel fundamental na decisão do *status* socioeconômico dos artesãos e de seu trabalho, o que ainda segue sendo verdadeira Índia do século XXI. "O artesanato na Índia está profundamente enraizado no sistema de castas" (Kidwai, 2019). A tecelagem era considerada uma ocupação de casta baixa. Portanto, nenhum indiano de casta alta estava envolvido nela, exceto algumas mulheres hindus que enrolavam fios para tecelagem. A economia indiana foi injetada com tecnologia primitiva e restrições baseadas na casta.

O historiador Tapan Raychaudhuri declarou a difícil situação dos artesãos indianos sob os Mongóis como:

Praticamente todas as características relevantes da economia, da sociedade e do Estado foram projetadas para manter o artesão firmemente em seu lugar mais baixo no esquema de coisas, permitindo muito pouca margem para a mobilidade ascendente ou diferenciação... os intermediários costumavam enganar os artesãos, para os consumidores não havia como contornar esse intermediário... O impressionante edifício manufatureiro da Índia repousava sobre o trabalho de homens e mulheres que prosseguiram mansamente suas ocupações hereditárias, com quase nenhuma esperança de uma vida melhor, explorados e abusados tanto por governantes como por comerciantes (Raychaudhuri, 2004, p. 284).

Na primeira metade do século XVIII, sob o Decanato Ocidental do Império Marathas, a indústria urbana de latão, papel ornamental, trabalho em seda e construção naval floresceu (Fukazawa, 2004; Majumdar, 2012). Tamil Nadu, Karnataka, Mysore e Andhra tornaram-se grandes centros de fabricação (Alaev, 2004). Similar a outras partes da Índia, aqui também os artesãos estavam em patéticas condições sócio-econômicas devido ao "sistema tradicional [baseado na casta]" de produção e na ausência do investimento no avanço técnico das técnicas de produção artesanal.

Em 1740, os tecelões indianos "praticamente vestiam o mundo" (Sardar, 1996) antes de darem uma volta drástica em sua cultura e economia política. O declínio do Império Mongol e as próximas políticas comerciais britânicas prejudicaram os teares indianos e levaram ao nascimento de "aristocracias regionais de consumo" como Lucknow, Bengala e Hyderabad. Estas famílias reais se entregaram à exibição em estilo europeu de grandes exércitos, seleção de tecidos e coleção de novidades (Bayly, 1988, p. 303). Em breve, uma grande parte da sociedade indiana substituiu alegremente as roupas domésticas rudes e grosseiras

disponíveis por roupas europeias de melhor qualidade, a preços acessíveis e prontamente disponíveis.

2.4 Movimento Swadeshi de 1858-1914

O historiador Irfan Habib (2004) chamou o período de 1858 a 1914 de o nascimento da moderna indústria indiana. Ele encontrou, devido ao Movimento Swadeshi, o número de oitenta e sete fábricas têxteis de algodão em 1885, chegou a duzentas e setenta e uma no ano de 1914. Apesar desta fenomenal melhoria, como ele citou de P. Bairoch, a participação total da Índia na manufatura mundial diminuiu como: em 1800 - 19,7%; em 1860 - 8,6% e em 1913 - 1,4%. Ele encontrou duas razões por trás deste declínio na exportação. A primeira foi a produção em larga escala de panos nas nações ocidentais em rápida industrialização. E, em segundo lugar, a desindustrialização do setor de fabricação de tecidos da Índia. Por desindustrialização, Habib significou "o processo de destruição das indústrias artesanais indianas da concorrência de produtos de manufatura britânica durante o século XIX".

O historiador Prasanna Parthasarathi (2001) apresentou argumentos semelhantes aos de Irfan Habib, ele relatou que no século XIX a economia indiana foi prejudicada, especialmente o setor têxtil, devido à política e às políticas econômicas da coroa britânica. Mas ele rejeitou a ideia e os argumentos dos historiadores nacionalistas e imperialistas indianos que era algo sem precedentes que tinha acontecido com os artesãos indianos. Em vez disso, ele argumentou que a Grã-Bretanha estabeleceu seu governo na Índia adaptando as políticas sócio-econômicas que eram praticadas pelos anteriores governantes indianos. Portanto, não foi apenas a introdução de coisas feitas à máquina que arruinou a economia indiana, como também foi encontrado por Tirthankar Roy (2007).

Além disso, ele acrescentou que havia uma seção da indústria artesanal indiana que se adaptou e cresceu com essas técnicas e tecnologias recém introduzidas. Mesmo os pesquisadores do artesanato do século XXI rejeitaram a narrativa do artesanato como vítima e da máquina como vilão (Adamson, 2013). Portanto, se máquinas e artesanato não estariam competindo, mas sim forças complementares, então do que se tratava o Movimento Swadeshi?

Segundo Sarkar (1973, p. 92), o Movimento Swadeshi pode ser entendido "como o sentimento... de que os bens indianos deveriam ser preferidos pelos consumidores mesmo que fossem mais caros e de qualidade inferior aos seus substitutos importados". Esta definição tem dois importantes *insights* sobre o Movimento Swadeshi. Primeiro, que havia uma seção significativa da sociedade indiana que preferia utilizar produtos britânicos fabricados em fábrica, como tecidos britânicos mais baratos e melhores do que os tecidos indianos grosseiros domésticos (Bayly, 1988). Caso contrário, a quem os líderes swadeshi teriam pedido para boicotar os produtos estrangeiros. Segundo, conforme Gandhi Swadeshi Movement foi uma luta para salvar a "mítica Índia" da "tecnologia, vida urbana e consumismo" (Varman e Belk, 2009).

O historiador Christopher Bayly relatou dois incidentes de resistência "esporádica" contra o

Britanismo antes do Movimento Swadeshi. Primeiro, foi o Motim do Exército de Madras, em 1806, em Vellore. E o segundo foi a Rebelião Indiana de 1857 contra o domínio colonial, na qual os tecelões deserdados participaram em maior número. Por outro lado, como Bayly continuou, "as idéias do movimento haviam sido propagadas por várias décadas por empresários e proprietários de moinhos indianos para promover seus produtos em um ambiente comercial difícil" (1988, p. 310).

A segunda metade do século XIX deve ser altamente angustiante para os artesãos indianos em comparação com os proprietários de moinhos indianos e os fabricantes britânicos. Como artesãos indianos altamente qualificados foram injetados com o medo de máquinas. Sir George Birdwood elogiou a grande habilidade de "imitação" dos artesãos indianos como:

O simples toque de seus dedos, treinados durante 3000 anos para as mesmas manipulações, é suficiente para transformar qualquer trabalho estrangeiro que seja colocado para imitação em suas mãos, "em algo rico e estranho" e característico da Índia" (Birdwood, 1880, p. 30).

Birdwood temia uma introdução mal planejada de máquinas - como foi feito na Inglaterra, no noroeste da Europa e nos EUA - que poderia levar ao caos também no setor de arte e artesanato indiano. Havia uma forte chance de ruptura como a de Irfan Habib e Tapan Raychaudhuri, Birdwood também relatou como os artesãos indianos estavam presos na rigidez sócio-econômica do sistema de castas. Ele observou que "as artes indianas passaram das aldeias para fora do mundo, o sistema de castas do Código de Manu ainda tem sido sua melhor defesa contra a mancha e a degradação da moda estrangeira".

Os apoiadores britânicos do *The Arts and Crafts Movement* também influenciaram o Swadeshi Movement (Coomaraswamy, 1913; Havell, 1912). O escritor inglês E. B. Havell (1907) elogiou as mãos "astutas" dos artesãos indianos e enfatizou a parada da competição entre a máquina e o trabalho manual. Em vez disso, ele propôs investir na melhoria dos teares indianos das antigas gerações, para reanimar as indústrias indianas com suas condições econômicas favoráveis, como o foco nos mercados domésticos de 300.000.000 de consumidores locais e a capacitação de milhões de artesãos qualificados.

Havell (1912) observou que a arte indiana sofre de "charlatanismo" mais do que qualquer outro lugar. Ele exigiu que os patronos indianos dos produtos industrializados europeus entendessem os significados mais profundos do artesanato e da arte indiana em vez de simplesmente substituí-los por produtos mecânicos ocidentais. Ele pediu aos povos das castas superiores que cruzassem os limites da casta e ajudassem os tecelões. A civilização indiana tem sido glorificada, mas muito pouca atenção foi dada aos "fabricantes" dessa sociedade (Brouwer, 1995).

No auge do Movimento Swadeshi (1905-1910), a indústria rural indiana, especialmente a tecelagem, nunca atraiu antes a atenção a nível nacional. Embora a Bayly tenha encontrado o Movimento Swadeshi de "sucesso limitado". Mas ele admitiu como o Movimento Swadeshi transformou um "ofício rural em perigo de

extinção em um poderoso símbolo da regeneração moral e espiritual da Índia" (Bayly, 1988, p. 311). Tirthankar Roy (2007) também confirmou esta melhoria no status do artesanato indiano. Ele relatou que por volta de 1900 o artesanato "serviu mais do que necessidades utilitárias e foi associado a status, rituais e ocasiões" e se transformou ainda mais em "símbolos culturais... do nacionalismo e da recriação do patrimônio". Isto foi muito semelhante à Inglaterra de meados do século XIX onde o artesanato "assumiu um caráter em grande parte simbólico e muitas vezes elegante" (Adamson, 2007).

Segundo Bayly, os nacionalistas indianos politizaram o Movimento Swadeshi manipulando a mentalidade "popular" indiana para associar tecido com "proteção, legitimidade, vergonha e magia". Os líderes espirituais, como Sri Aurobindo, fizeram do apoio ao "swadeshi" um ato de sacrifício. Apoiando o Movimento Swadeshi, vários "cantores, atores e pregadores populares" rebaixaram publicamente as roupas britânicas e elogiaram as roupas indianas por

"sua própria naturalidade e soltura, as grossas tramas de tecido foram elogiadas por sua naturalidade, pureza e falta de sofisticação... canções de aldeia associadas a imagens da maternidade, com arroz branco grosso e coalhada, e com as coisas boas do campo não poluídas" ... "não só o contexto do consumo e a alma do consumidor, mas a própria qualidade do tecido do campo atraiu a atenção durante estes anos" (Bayly, 1988, p. 312).

Segundo Bayly, Gandhi fez uma fição, tecelagem e fição à mão como um ato de pureza e qualidade. E foi o engenho de Gandhi, independentemente de seus pensamentos políticos e econômicos anteriores, que reuniu vaca, sal e tecido no movimento nacional dos anos 1920 e 1930. Mas não menos que Rabindranath Tagore condenou o Movimento Swadeshi como tendo uma fogueira quando a Índia está fria e nua. Paradoxalmente, os mesmos industriais que financiaram o Movimento Swadeshi se tornaram precursores da industrialização na Índia independente.

Tem sido argumentado que o Movimento Swadeshi foi de sucesso limitado, uma vez que era mais uma criação de empresários indianos que não podiam competir com os produtos britânicos (Bayly, 1988). Mais tarde, a estas organizações empresariais juntaram-se nacionalistas indianos, cantores e atores famosos que inventaram canções e peças que glorificavam os produtos indígenas como retratar os tecidos grosseiros indígenas domésticos com a água pura do Ganges, a pureza dos tecidos indígenas foi equiparada à maternidade, arroz cultivado, coalhada pura e leite do campo indígena não poluído (Bayly, 1988; Roy, 2007). Estes exemplos indicam que no contexto da Índia, foi o Movimento Swadeshi que ajudou os indianos a imaginar o artesanato artesanal como sustentável e uma fonte de orgulho. E a repetição destas idéias acabou polarizando o artesanato e a máquina.

3 DISCUSSÃO

A sustentabilidade tem várias definições, medidas e perspectivas que a tornam um conceito importante,

mas escorregadio (George & Henthorne, 2007; Korstanje & George, 2012; Okech, Haghiri, & George, 2014). A literatura ainda não chegou a um acordo sobre uma definição de projeto dominante para ele. De acordo com Davenport & Mishtal (2019), enquanto tentamos imbuir sustentabilidade com qualquer iniciativa, precisamos nos perguntar: sustentabilidade de que? Neste contexto de estudo, sua sustentabilidade é para os artesãos, vendedores, intermediários, ou para o setor como um todo? Além disso, que tipo de sustentabilidade? É apenas o desenvolvimento econômico? Os debates atuais parecem estar se desviando do paradigma econômico, mas alguns sérios opositores pensam que o desenvolvimento econômico é o único meio de sustentar o setor e todo o resto virá a seguir.

Uma das características únicas do setor de artesanato indiano é suas raízes culturais na própria idéia da Índia. O artesanato expressa a alma da nação de forma única. Embora o desenvolvimento econômico do setor seja importante, é importante reconhecer que as estratégias comerciais são quase sempre cegas a qualquer coisa que não eleve imediatamente o resultado financeiro (Singhania, Swain, & George, 2021). Isto exige uma diretriz nacional e um mecanismo de governança para o crescimento contínuo e o sustento do setor. Não estamos falando de um processo controlado pelo governo, burocratizado. No entanto, o desenvolvimento do artesanato também não pode ser completamente deixado às forças do mercado. O modelo fabril de produção artesanal que países como a China aperfeiçoaram, resultou na perda de autenticidade; além do fato de que isso tirou emprego de milhões de artesãos individuais, também apagou um marco vivo dos milhares de anos de evolução cultural do país.

Embora seja praticado principalmente na economia informal e embora o artesanato seja feito por indivíduos relativamente "analfabetos", o artesanato é de fato uma "idéia complexa" (Adamson, 2013). Não pode ser simplesmente justaposta à perplexidade e à perspectiva carregada de noções de sustentabilidade, sem impactar significativamente em sua prática. No entanto, é necessário entender e definir o que exatamente queremos sustentar quando falamos sobre a sustentabilidade do artesanato.

As questões de sustentabilidade estão ligadas a quase tudo em nossas vidas e o setor do artesanato não precisa ser excluído. As pessoas devem se sentir bem com seu trabalho e saber como o trabalho contribui para as metas de desenvolvimento sustentável. Há de fato alguma tensão e ambigüidade sobre como os artesãos devem manter um equilíbrio entre sustentabilidade e requinte de seu artesanato. Talvez eles devam continuar a manter seu artesanato "requintado" para que possam se sentir orgulhosos dele e "sustentar" a idéia de fazer artesanato para as gerações futuras. A história do artesanato na Índia, apresentada neste artigo, dará aos artesãos contemporâneos uma sensação de sustentabilidade, apesar de enfrentarem adversidades.

Do ponto de vista da promoção do turismo, uma questão central é sobre a necessidade de preservar a distinção do setor artesanal. O artesanato fornece "provas físicas" (uma das 7P's de marketing) da

natureza intangível da cultura indiana. Não há melhor maneira dos turistas experimentarem a diversidade e a natureza matizada da cultura indiana do que visitando locais de artesanato, ouvindo as histórias sobre tais artesanatos e possuindo alguns desses artesanatos. Os locais de artesanato, porém, precisam ser cada vez mais incluídos nos circuitos e itinerários turísticos. Também seriam desejáveis incentivos governamentais para que a indústria do turismo promovesse este objetivo.

4 CONCLUSÃO

Os artesãos ainda gozam de um alto status na Índia. Tem sido retratado como uma identidade, representação da cultura e dos valores tradicionais da sociedade indiana. Tem sido reivindicado como o segundo maior empregador depois da agricultura. De Gandhi a Modi, tem havido um imenso apoio ao setor artesanal indiano. O governo da Índia também trouxe um esquema de certificação "Defeito Zero, Efeito Zero" para o artesanato, a fim de garantir produtos de qualidade e sustentáveis. Da mesma forma, várias organizações populares de venda de artesanato na Índia também o reivindicam como um produto "sustentável" e um produto "orgulhoso".

Apesar disso, tem havido uma sincera preocupação com a sustentabilidade do artesanato e dos artesãos. O que queremos "sustentar", quando falamos de artesanato, é ambíguo? Estamos falando de conservar e preservar nosso artesanato como ele é para as gerações futuras? Estamos falando da sustentabilidade sócio-econômica dos artesãos, pois eles continuam a viver na pobreza abjeta? Estamos falando de "libertar" o artesanato como arte para cuidar de sua sustentabilidade? Estamos falando de como a compra e venda "artesanal" contribui para o "consumo sustentável"?

Ao sustentar o artesanato, conseguimos sustentar a história e a cultura, e possivelmente, a própria alma da Índia. O turismo do artesanato sustentável oferece aquele meio termo, o ponto doce, onde a prosperidade econômica e a preservação cultural poderiam coexistir. É importante que o turismo de artesanato seja implementado de forma inclusiva e centrada na comunidade. Unidades de produção comercial de artesanato em larga escala não ajudarão. As pequenas e médias empresas que oferecem produtos experimentais adicionais para os turistas devem ser o centro da economia do artesanato. As experiências incluem ensinar aos turistas como fazer o artesanato, oferecer-lhes tratamentos de bem-estar, e etc.

Ainda hoje, nossas definições de sustentabilidade são raramente inclusivas por natureza (Virtanen, Siragusa, & Guttorm, 2020). O paradigma do desenvolvimento econômico seqüestra-o em todos os momentos possíveis. George (2008) argumentou que uma compreensão completa da história e da cultura é o único contexto legítimo dentro do qual os esforços de desenvolvimento poderiam ser colocados de forma significativa. Também é importante que as direções estratégicas sejam tomadas somente após as devidas deliberações com os afetados; isto também torna o desenvolvimento inclusivo (George, 2018).

Este estudo conceitual descritivo foi extraído da literatura sobre a história do artesanato indiano e dos últimos estudos de consumo de artesanato para enquadrar seu argumento central. A revisão da literatura histórica ajudou a entender as ligações entre a sustentabilidade do artesanato e o desenvolvimento econômico do setor. Também identifica certas tensões que aparecem quando falamos de sustentabilidade do artesanato. Naturalmente, este trabalho não satisfaria todas as curiosidades relacionadas às trajetórias que o setor artesanal indiano tomaria nos próximos anos; independentemente disso, é uma tentativa sincera de ajudar a enquadrar os temas prementes nos contextos culturais, históricos e de desenvolvimento econômico da Índia.

REFERÊNCIAS

- Adamson, G. (2007). *Thinking Through Craft*, Bloomsbury Academic, Oxford.
- Adamson, G. (2013). *The Invention of Craft*, Bloomsbury Academic/V&A Publishing, London.
- Alaev, L. B. (1982). Non-Agricultural Production, South India. *The Cambridge Economic History of India*, 1, 315-24.
- Balaswaminathan, S., & Levy, T. E. (2018). Consuming Indian-ness: Anxieties about the nation, handicrafts, and artisans in contemporary India. In *Routledge Handbook of Cultural and Creative Industries in Asia* (pp. 347-361). Chicago: Routledge.
- Bayly, C.A. (1988). The Origins of Swadeshi (Home Industry): Cloth and Indian Society, 1700-1930. In Appadurai, A. (Ed.), *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 285-321.
- Birdwood, G.C.M. (1880). *The Industrial Arts of India*, Chapman and Hall, London, available at: <http://archive.org/details/industrialartsof00birduoft>.
- Brouwer, J. (1995). *The Makers of the World: Caste, Craft, and Mind of South Indian Artisans*, Oxford University Press.
- Chandra, S. (1982). Standard of Living: Mughal India. *The Cambridge Economic History of India*, 1, 458-471.
- Coomaraswamy, A.K. (1913). *Arts and Crafts of India and Ceylon*, T. N. Foulds, London, available at: <http://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.56757> (accessed 15 December 2017).
- Davenport, S. G., & Mishtal, J. (2019). Whose Sustainability? An Analysis of a Community Farming Program's Food Justice and Environmental Sustainability Agenda. *Culture, Agriculture, Food and Environment*, 41(1), 56-65.
- Digby, S. (2004). Northern India under the Sultanate: Economic Conditions before 1200. In Raychaudhuri, T. and Habib, I. (Eds.), *Cambridge Economic History Of India c. 1200 - c. 1750*, Vol. 1, Orient Longman Private Limited (Original work published by Cambridge University Press in 1982), New Delhi.
- Export Promotion Council for Handicrafts. (2019). Handicrafts Export & Trade Data Of EPCH. <https://www.epch.in/>, Government of India, 15 February, available at: https://www.epch.in/index.php?option=com_content&view=article&id=76&Itemid=182 (accessed 15 February 2019).
- Export Promotion Council for Handicrafts. (2021a). Review Exports during 2020-21. Retrieved on 9 March, available at: <https://www.epch.in/policies/exportdata.pdf>.
- Export Promotion Council for Handicrafts. (2021b). Handicrafts Export & Trade Data Of EPCH. Retrieved on 18 March, available at: https://www.epch.in/index.php?option=com_content&view=article&id=76&Itemid=181 (accessed 18 March 2021).
- Fabindia. (2020). About Us. *Fabindia.Com*, 7 April, available at: <https://www.fabindia.com/about-us> (accessed 7 April 2020).
- Fukuzawa, H. (2004). Non-Agricultural Production: Maharashtra and the Deccan. In Raychaudhuri, T. and Habib, I. (Eds.), *Cambridge Economic History Of India c. 1200 - c. 1750*, Vol. 1, Orient Longman Private Limited (Original work published by Cambridge University Press in 1982), New Delhi, pp. 308-314.
- George, B. & Henthorne, T. L. (2007). Tourism and the general agreement on trade in services: Sustainability and other developmental concerns. *International Journal of Social Economics*, 34(3), 136-146.
- George, B. (2008). Local community's support for post-tsunami recovery efforts in an agrarian village and a tourist destination: a comparative analysis. *Community Development Journal*, 43(4), 444-458.
- George, B. (2018). Inclusive Growth by Means Of Sustainable Supply Chains: A Case Study of the Dabbawalas Of Mumbai, India. *International Journal of Entrepreneurial Knowledge*, 6(2), 5-11.
- Gupta, N. (2011). A Story of (foretold) Decline: Artisan Labour in India, available at: <https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1903855>.
- Habib, I. (2004). Population. In Raychaudhuri, T. and Habib, I. (Eds.), *Cambridge Economic History Of India c. 1200 - c. 1750*, Vol. 1, Orient Longman Private Limited (Original work published by Cambridge University Press in 1982), New Delhi.
- Havell, E.B. (1907). *Essays on Indian Art, Industry & Education*, Natesan, Madras.
- Havell, E.B. (1912). *The Basis for Artistic and Industrial Revival in India*, Theosophist Office, Madras.
- Kidwai, J. (2019). Reimagining Crafts in Contemporary Times. *The Wire*, 31 March, available at: <https://thewire.in/the-arts/reimagining-crafts-in-contemporary-times> (accessed 23 March 2021).
- Khan, T. A. (2019). Handicrafts and tourism: Examining the nexus in India. *International Journal of Management, IT and Engineering*, 9(1), 27-31.
- Korstanje, M. E., & George, B. (2012). Sustainable tourism and global warming: panacea, excuse, or just an accidental connection? *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, 4(4), 383-394.
- Majumdar, S.K. (2012). *India's Late, Late Industrial Revolution: Democratizing Entrepreneurship*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Ministry of Textiles. (2010). *Handloom Census of India 2009-10*, Government of India, New Delhi, available at: <http://www.handlooms.nic.in/Writereaddata/Handloom%20report.pdf>.
- Ministry of Textiles. (2019). *Fourth All India Handloom Census 2019-2020*, Census, Government of India, Delhi, available at: <http://handlooms.nic.in/writereaddata/3736.pdf> (accessed 10 March 2021).
- Okech, R., Haghiri, M., & George, B. P. (2015). Rural tourism as a sustainable development alternative: An analysis with special reference to Luanda, Kenya. *CULTUR-Revista de Cultura e Turismo*, 6(3), 36-54.
- Parthasarathi, P. (2001). *The transition to a colonial economy: weavers, merchants and kings in South India, 1720-1800* (No. 7). Cambridge University Press.
- Press Information Bureau. (2015). First National Handloom Day to be celebrated on 7th August, 2015, 31 July, available at: <https://pib.gov.in/newsite/PrintRelease.aspx?relid=124037> (accessed 11 March 2021).
- Press Information Bureau. (2020). National Handloom Day on 07th August 2020- Function being organized by Ministry of Textiles on Virtual Platform, <https://Pib.Gov.in/Indexd.aspx>, available at: <http://pib.gov.in/Pressreleaseshare.aspx?PRID=1643739> (accessed 5 March 2021).

- Raychaudhuri, T. (1982). Non-Agricultural Production: Mughal India. *The Cambridge Economic History of India*, 1, 261-307.
- Roy, T. (2007). Out of tradition: master artisans and economic change in colonial India. *The Journal of Asian Studies*, 66(4), 963-991.
- Sardar, Z. (1996). "History of Indian Textiles", in Hatanaka, K. (Ed.), *Textile Arts of India*, Chronicle Books, San Francisco, pp. 309-335.
- Sarkar, S. (1973). *The Swadeshi Movement in Bengal, 1903-1908*, People's Publishing House, New Delhi.
- Singhania, O., Swain, S., & George, B. (2021). Women empowerment in a traditional masculine industry: Tourism in context. *Economics, Management and Sustainability*, 6(2), 60-71.
- Tyabji, L. (2020). The Coronavirus Cloud Has a Potential Silver Lining for the Indian Crafts Sector. *The Wire*, 6 June, available at: <https://thewire.in/labour/coronavirus-silver-lining-indian-crafts-sector> (accessed 23 March 2021).
- Varman, R., & Belk, R. W. (2009). Nationalism and ideology in an anticonsumption movement. *Journal of consumer research*, 36(4), 686-700.
- Virtanen, P. K., Siragusa, L., & Guttorm, H. (2020). Introduction: Toward more inclusive definitions of sustainability. *Current Opinion in Environmental Sustainability*, 43, 77-82.

ⁱ Um lakh é uma unidade do sistema numérico indiano amplamente utilizada tanto oficialmente como em outros contextos em Bangladesh, Butão, Índia, Mianmar, Nepal, Paquistão e Sri Lanka. Uma lakh é igual a cem mil, ou seja, 10⁵. Valores originais 34.71 lakh = 3.471.000 rupias R\$ 218.684,27 (44,587.08 USD); 2,909,000.00 INR = 183,351.00 BRL (37,367.85 USD); e 2,674,000.00 INR = 168,432.58 BRL (34,349.13 USD), respectivamente. [NT – Nota do tradutor].

ⁱⁱ 1 rupia (INR) cotada a 0,06 reais (BRL), [logo, INR 3,000 seriam cerca de R\$ 185 ou USD 38,61 (dolar cotado a 4,79 reais, ou ainda 1 real a 0,21 centavos de dólar)]. Fonte: https://www.conversor-dolar.com.br/BRL_INR acesso 1 jun 2022. [NT]

ⁱⁱⁱ 1 rupia (INR) cotada a 0,06 reais (BRL), [logo, INR 5,001 seriam cerca de R\$ 310,20 ou USD 64,48] idem. [NT]

^{iv} 1 rupia (INR) cotada a 0,06 reais (BRL), [logo, INR 10.000 seriam cerca de R\$ 620,27 ou USD 128,52], ibidem. [NT]

^v é uma unidade em numeração indiana que equivale a 10.000.000 (10⁷) ou 100 lakhs. Cem lakhs é chamado de uma crore, equivalente a dez milhões. [NT].

Processo Editorial / Editorial Process / Proceso Editorial

Editor Chefe / Editor-in-chief / Editor Jefe: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).

Recebido / Received / Recibido: 23.02.2022; Revisado / Revised / Revisado: 05.03.2022 – 22.04.2022; Aprovado / Approved / Aprobado: 04.05.2022; Publicado / Published / Publicado (online): 06.06.2022.

Documento revisado por pares / Peer-reviewed paper / Documento revisado por pares.